

# Notas Bibliográficas

**MICHEL DE CERTEAU, DOMINIQUE JULIA, JACQUES REVEL — Une politique de la langue. La Révolution française et les patois. N. R. F. Éditions Gallimard, Paris, 1975, 320 pp.**

A Revolução francesa, preocupada em cimentar a unidade nacional (sob a égide da "Razão") identificou seu inimigo na diversidade lingüística, na multiplicidade dos "patois" falados pelos campônios franceses. Foi declarada uma guerra implacável à cultura popular, justamente quando se proclamava o povo soberano pelo dogma da democracia.

Nesse processo teve lugar de destaque o Relatório do *Abbé Gregoire* sobre os "patois".

Numa análise convergente, que é um modelo de trabalho interdisciplinar bem feito, os autores estudam o *Rapport Gregoire*: De Certeau faz uma abordagem lingüística e estuda seus antecedentes; D. Julia se ocupa da sociologia histórica das respostas; e J. Revel, dos elementos etnológicos do Relatório. Tomadas em conjunto, os diversos enfoques reconstituem as condições mesmas de produção, e a coerência histórica dos documentos estudados.

É uma só e a mesma essa política que pratica um verdadeiro genocídio de culturas autóctones, e as trans-

muda em folclore colecionando-as como objetos de museu.

Política conservadora da ordem estabelecida, que ainda hoje está presente em quase todas as políticas culturais dos governos. E que ainda hoje seduz muita gente, por seu aspecto de cruzada cultural, que iria levar ao povo os valores mais altos da cultura nacional e ao mesmo tempo debruçar-se com carinho sobre as suas tradições para recolher as jóias do folclore pátrio.

Política de repressão cultural que os modernos meios de comunicação dotaram de uma eficácia que os jacobinos da Revolução francesa nem poderiam sonhar.

P. G. M.

**MICHEL DE CERTEAU — L'écriture de l'histoire. N. R. F., Gallimard, Paris, 1975, 358 pp.**

Mais um livro publicado em 1975 pelo infatigável autor francês, na mesma coleção *Bibliothèque des Histoires* que tem publicado obras tão importantes como a *Histoire de la Folie de FOUCAULT*. Michel de Certeau é historiador, e escrevendo história religiosa da Europa moderna coloca os problemas implicados na operação de fazer história: fabricação de um objeto, organização de uma duração, ence-

nação de uma narrativa. Além disso, a historiografia moderna, com seu culto à cientificidade, exclui a oralidade e a imaginação dos contadores de história de outras épocas.

Os problemas mais candentes entre os especialistas de epistemologia, de análise do discurso, e mesmo de psicanálise, encontram-se abordados neste volume, com a perspicácia e originalidade que caracterizam Michel de Certeau: que consegue ser versátil e profundo em tantos campos do saber contemporâneo ao mesmo tempo.

O presente volume merecia ser difundido entre nós, onde faltam completamente obras que coloquem este tipo de problemática em historiografia.

P. G. M.

**JOSEPH H. FICHTER — Sociologia — Tradução de Hebe Guimarães Leme — 3ª reimpressão. EPU (Editora Pedagógica Universitária). Antiga Herder, São Paulo, 1973, 518 pp.**

O compêndio de Fichter é eminentemente didático. Transmite a ciência recebida e homologada pelos sociólogos americanos (em 1957), um funcionalismo inabalável nas suas certezas metodológicas e hábil na utilização de suas categorias explicativas. É didático, pois além de oferecer um produto elaborado dentro do melhor "Know-how" acadêmico vigente, vai ao encontro das necessidades dos principais: Cada parágrafo ou articulação da matéria (e são três partes, cada uma com o mesmo número de capítulos contendo quase o mesmo número de páginas) consta de uma parte teórica e de uma aplicação do sobredito à realidade americana em que vive o aluno. Para nós, no Brasil, esta aplicação terá, porventura, valor paradigmático incitando o professor a elaborar por sua parte uma aplicação da teoria "universal" às condições específicas da sociedade brasileira, que aliás segundo o modelo econômico adotado pelos nossos responsáveis, se destina a ser uma versão tropical da Nação leader

do bloco Ocidental. Porém nenhuma crítica pode atingir o valor didático desse livro, adotado em centros universitários americanos e europeus, e agora acessível a nossos estudantes na cuidadosa edição da EPU.

P. G. M.

**MARCEL MAUSS — Sociologia e Antropologia — 1º Vol. Tradução de Lamberto Puccinelli — (331 pp.); EPU e EDUSP, São Paulo, 1974.**

Muito oportuno o lançamento entre nós desse clássico da Antropologia e Sociologia francesas. A Introdução de Lévi-Strauss sublinha a importância, o alcance e o pioneirismo da obra de Mauss. Os trabalhos que mais se destacam na coletânea são: *O Ensaio sobre a dádiva* e *O Esboço de uma teoria geral da magia*.

Marcel Mauss é um Mestre, como o demonstram o prefácio de Georges Gurvitch e sobretudo o longo estudo de Lévi-Strauss, que termina com a fórmula genial de Mauss, "em que ele ordenou os métodos, os meios, e o fim último das nossas ciências e que qualquer Instituto de Etnologia poderia escrever em sua fachada: *É preciso antes de tudo, formar o maior catálogo possível de categorias; é preciso partir de todas aquelas das quais é possível saber que os homens se serviram. Ver-se-á então que ainda existem muitas luas mortas, ou pálidas, ou obscuras, no firmamento da razão*".

P. G. M.

**LEONARDO BOFF — Os Sacramentos da Vida e a A Vida dos Sacramentos — Col. Cid/Teologia nº 9, Ed. Vozes, Petrópolis, 1975, 13,7 x 21 cm, 84 pp.**

"Caneca?  
Toco de cigarro?  
Casa?  
Desde quando isso é sacramento?"

Os sacramentos que Cristo instituiu não eram sete?

Para que esta inflação?"

Talvez estas perguntas assaltem a muitos e sejam acompanhadas de uma estranheza invencível, bastando que se olhe a capa e o índice deste livro. Parece que tudo se torna sacramento, que Deus se tornou uma espécie de mercadoria encontrável em qualquer lugar. O autor à primeira vista, semelha um iconoclasta a arremeter contra as colunas mestras da Igreja, possuído de imperdoável ardor panteísta.

Se uma caneca pode ser sacramento, porque não uma música popular, uma carta ou notícia de jornal, um chope com os amigos, o trem da Central, a máquina frezadora — quem sabe um encontro com a pessoa amada não substituiria a missa? Este livro poderia abrir as portas para a "avacalhão do sagrado".

Entretanto o ser humano e sua História são lugar privilegiado de manifestação do Mistério. Se nos lembrarmos de que o Verbo assumiu a natureza humana e não outra, sentindo-se à vontade nesta condição até hoje, aí então a verdade profunda da tese deste livro se nos manifestará. O ensinamento da Igreja sempre insistiu em que o homem chega ao Criador através da criação; à medida que a pessoa vai vivendo, mais perfeita poderá ser sua relação pessoal com o Pai.

O A. baseia sua tese na análise de suas experiências pessoais marcantes e da lembrança que certos objetos trazem desses momentos (naturalmente, o Deus que se prega é Aquele com quem se entrou em contato). Assim, o toco de cigarro — o último fumado por seu pai — a caneca familiar que matou a sede de gerações, o professor primário a viver até o fim a radical abnegação; tudo isto deixou de ser mera coisa opaca, objeto mudo. Porque participaram da História do A., se tornaram para ele coisas-sujeitos, transparentes de humanidade e de realidades transcendentes. Portanto, toda vez que alguma coisa, pessoa, ocasião nos ajudar a

crescer no amor, na dedicação, no agradecimento, estaremos diante de um sacramento pessoal.

A manifestação máxima de amor se encontra em Cristo, isto é, Deus usando linguagem e gestos humanos. A Igreja garante esta presença na História. Cristo é o autor dos sacramentos, que são símbolos de encontro com ele. Toda vez que há um crescimento em humanidade, Cristo terá seu nome gritado mesmo que inconscientemente. A Igreja tira este nome do anonimato — seus olhos iluminados pelo Espírito vêem Cristo naqueles momentos mais densos da Vida do homem em que ele sente que a Presença misteriosa o supera e ampara.

Os sete sacramentos oficiais são expressão de toda a Igreja daquela multiplicidade de momentos em que indivíduos ou grupos percebem a presença de Deus. Assim como a vida humana em seus grandes momentos é preparada por pequenos e imprescindíveis gestos, também os sacramentos-pessoais preparam e prolongam a manifestação da Igreja como um todo. Assim, toda vez que o encontro-manifestação for negado ou diminuído — tal é o caso das tentativas de se servir do amor do Pai — o caráter simbólico do gesto será invertido em diabólico (mesmo que feito rigorosamente dentro do figurino).

Este livro estimulará a atenção de muitos para a rica dimensão da simbologia humana. A tomada de consciência da necessidade de comunicar por meios materiais nossas mais abstratas impressões das vivências mais profundas, lança uma luz sobre toda a vida cristã como um grande e único sacramento.

**Jorge Cláudio Noel Ribeiro Jr.**

**D. CIRILO FOLCH GOMES**  
**O. S. B. — Riquezas da Mensagem Cristã, Edições Lumen Christi, Rio de Janeiro, 1974, 551 pp.**

A obra do conhecido teólogo beneditino apresenta-se como um sólido comentário teológico ao "Credo do Po-

vo de Deus" de Paulo VI. Pretendendo ser uma "modesta iniciação teológica acessível a leigos desejosos de uma visão panorâmica, de certa informação ordenada sobre o conteúdo da Fé", ela é, certamente, mais do que isto, e vem preencher a lacuna de uma exposição sistemática da revelação cristã em língua portuguesa. Depois de uma introdução sobre alguns temas de Teologia fundamental clássica, o autor trata de "Deus Uno e Trino", "A Criação", "Jesus Cristo", "A Graça", "Maria", "A Herança do Pecado Original", "O Batismo", "A Igreja", "A Eucaristia", "O Reino", "Igreja e o Mundo". "A Escatologia". Embora fundamentando-se sobretudo na síntese tomista o autor não deixa de apresentar reflexão ou hipótese de teólogos mais recentes, demonstrando no curso da obra grande erudição teológica. O índice analítico no final enriquece ainda mais esta obra, tornando-a um instrumento valioso para os que queiram esclarecimentos para a sua fé.

M. F. M.

**JOSÉ RAMOS-REGIDOR — II**  
Sacramento della Penitenza —  
Riflessione teologica biblico-stó-  
rico-pastorale alla luce del Va-  
ticano II. LDC, Torino-Leuma-  
na, 1974, 384 pp.

O presente trabalho, que já foi saudado como um modelo de manual de Teologia da era pós-conciliar, merece de fato a boa acolhida que vem recebendo da parte de teólogos e especialistas da matéria. Editado em 1971 e já em sua terceira edição a obra de Ramos-Regidor apresenta a variedade de temas próprios de um bom manual aliada porém à coragem de não esconder os problemas atuais, que fazem deste tratado um dos mais interessados da Teologia Sacramental hodierna. Já no início da obra o leitor é posto diante da crise atual do sacramento da penitência e das tentativas de renovação em curso. Dois elementos básicos de compreensão atual de fé, com consequências diretas para um Teologia do sacramento de penitência, são então apresentados: a

dialética atual entre fé e sacramento e a reflexão teológica mais recente sobre o mistério do pecado; ambos elementos são decisivos para uma exata e adequada Teologia da conversão. Num segundo capítulo nos é oferecido sinteticamente a fundamentação escrotirística deste sacramento. O autor, embora expondo outras interpretações, inclina-se pela concepção eclesiológica de K. Rahner, completada por seu discípulo M. Vorgrimler. A este capítulo segue-se uma síntese histórica da penitência, na qual o autor utiliza sobretudo as pesquisas históricas de C. Vogel para o período patrístico e medieval; este capítulo termina com a elaboração teológica da escolástica, quase que limitada à síntese de S. Tomás de Aquino. O capítulo terceiro analisa as principais teses dos reformadores, antes de estudar minuciosamente a doutrina do concílio de Trento, onde o autor, utilizando os mais recentes estudos sobre esta matéria, oferece uma síntese rica, precisa e equilibrada. Um breve capítulo expõe então alguns pontos da reflexão teológica, aliás bastante pobre em originalidade, de Trento a menos dias. A última parte da obra oferece-nos uma sistematização teológica deste sacramento: o sacramento da penitência como acontecimento pascal; a sua dimensão eclesial e litúrgica; a sua dimensão pessoal; a sua relação com outros sacramentos.

Concluindo o autor nos oferece ricas conclusões teológico-pastorais, procurando responder aos impasses atuais concernentes a uma recepção frutífera deste sacramento. A obra é enriquecida com uma abundante bibliografia bem atualizada, que possibilita um aprofundamento ulterior das diversas questões tratadas.

M. F. M.

**JOSEPH COMBLIN — Théologie**  
de la pratique révolutionnaire.  
Paris, Éditions Universitaires,  
1974, 381 pp.

O presente trabalho de Comblin constitui o segundo volume da obra publicada em 1970, sob o título de *Théologie de la révolution*.

É um trabalho ambicioso pela enorme variedade de temas que aborda, em contato com uma impressionante riqueza bibliográfica. É um trabalho que revela a maturidade intelectual de quem sofreu amargos desenganos. O pensamento do autor se elabora num quadro de referência latino-americano, porque foi de fato a América Latina o campo em que suas idéias enfrentaram o desafio da história real e concreta, de uma história conturbada, que no período de duas décadas atravessou intensas experiências sociais e políticas. Daí não se deve porém concluir que as conclusões do autor não tenham linhas de extrapolação válidas para o contexto mais amplo do mundo atual e para o impasse do processo civilizatório em que vivemos.

Talvez simplifique demais um pensamento complexo, procurando descrever a linha de seu discurso lógico. O impasse a que chegou a humanidade postula uma revolução entendida como afirmação e advento da liberdade num determinado regime de desenvolvimento. A prática revolucionária é a ação global sobre a sociedade no sentido de modificar-lhe em pouco tempo as estruturas. Nenhuma prática revolucionária que vise empolgar o poder conduz à liberdade, mas ao advento de novas tiranias. A única prática revolucionária autêntica é aquela que cria estruturas capazes de garantir a liberdade em face do poder constituído. A revolução radical é uma revolução moral, que se situa no nível dos valores. Uma revolução cristã tem sentido na medida precisamente em que busca o novo modo de vida em comum exigido pelas novas condições naturais e culturais da civilização.

A partir dessa perspectiva, o autor repete as mais inequívocas e quase irritadas afirmações sobre a obsolescência e a ineficácia revolucionária do marxismo contemporâneo. A América Latina em especial perdeu toda chance histórica de uma revolução social. E a causa dessa perda foi o intolerante dogmatismo dos líderes marxistas que abriram os portos ao

advento de formas de neo-fascismo dependente.

O livro transmite um certo derrotismo quanto às possibilidades de transformações que venham corrigir o estado de injustiça social. A história não se pode modificar muito; em todo caso, não através de uma ação exclusivamente centrada sobre o econômico. Se alguma esperança resta ainda é numa mudança de valores, sem a qual todas as revoluções caminham para a consolidação da impostura.

Reduzido a suas linhas essenciais, o texto de Comblin parece ter pouco de teológico, menos de prático, e menos ainda de revolucionário. Diria, num certo esforço para remir a propriedade do título da obra, que para apreender o seu conteúdo teológico é preciso situar-se no enfoque do autor. Ele não parte da revelação iluminando a praxis, enfoque convencional, procura redescobrir o sentido sempre atual da revelação inscrita na praxis histórica.

Por outro lado, os profissionais de todas as revoluções devem considerar a posição assumida por Comblin, no tocante à prática revolucionária, como liricamente ingênua. É ingênuo pensar em criar, sem o poder, estruturas que garantam a liberdade contra o poder. É lírico pensar numa liberdade protegida exclusivamente pela própria beleza. Mas é exatamente neste ponto que o pensamento de Comblin se distancia irreversivelmente dos clássicos da revolução, e creio eu, de seu próprio passado. O mundo está exausto das revoluções sociais que resultaram todas melancolicamente num mero revesamento de elites espoliadoras e escravizadoras. Todas as ditaduras do proletariado resultaram em ditaduras sobre o proletariado. E é deste ponto de vista, que se poderá apreciar o núcleo central da mensagem da *Théologie de la pratique révolutionnaire*: A grande revolução que o mundo espera ou será moral ou não será revolução.

Pe. F. B. de Avila, S.J.

**H. SCHLESINGER E PE. H. PORTO** — Anatomia do Anti-Semitismo, Edições Loyola, São Paulo, 1975, 312 pp.

"Anatomia do Anti-semitismo" de autoria de Hugo Schlesinger e Pe. Humberto Porto (Ed. Loyola — SP — 27-5-75), aborda um tema que é, infelizmente, de todos os tempos e lugares: o anti-semitismo. Seguramente o Brasil, que outrora acolheu muitos judeus caçados pelos príncipes e pelos inquisidores da Ibéria, pode se vangloriar de uma rara tradição de relativa tolerância e abertura. Digo "relativa", porque fechou as portas aos protestantes até meados do século XIX. Seguramente o Cristianismo de nosso tempo parece extraordinariamente tolerante frente às outras condições, por quem compara com outras épocas: fruto da abertura do papa João XXIII, do Concílio Vaticano II e do Conselho Mundial de Igrejas. No entanto, é a convicção de muitos observadores de que hoje em dia recomeça a formar-se uma destas vagas periódicas que tende a enfatizar e fazer convergir a agressividade residual e latente da humanidade num recalque cuja irracionalidade está dirigida contra os judeus, contra esse "semitismo" que se tornou na história da humanidade um dos mitos mais estáveis e devastadores. Desta onda, por mais ou por menos que seja, praticamente nenhum país escapa. Não é por acaso que os estúdios cinematográficos do pregador Billy Graham estão lançando um filme (intitulado *The Hiding Place*), que retrata a história verídica de dois holandeses que ocultaram judeus heroicamente, durante a II Guerra Mundial, antes de sofrer o martírio no campo de concentração de Ravensbruck.

Como o anti-semitismo, cujas raízes emocionais e neuróticas já foram investigadas, é problema do inconsciente humano ainda antes do que da consciência, o primeiro dever parece o de ter a coragem de enfrentar os dados objetivos, históricos, culturais, do fenômeno: o presente livro tem por finalidade ajudar-nos nessa

delicada tarefa. Embora teoricamente válida na origem, a distinção entre o judaísmo, o semitismo e o sionismo não é tão inocente como parece.

O Pe. Congar, célebre teólogo, teve recentemente a oportunidade de sugerir que o século XX permanecerá marcado na História essencialmente por dois fenômenos culturais: o alastramento gigantesco do ATEÍSMO e a germinação frutífera do ECUMENISMO. Oxalá o segundo fenômeno tenda a prevalecer. Entretanto, é mais fácil hoje ser ateu do que ecumênico conseqüente.

O livro que apresentamos, além de ser ecumênico no seu conteúdo resulta de exemplar colaboração ecumênica. Bem conceituados na área do diálogo interconfessional, e especialmente no das relações Judaísmo-Catolicismo no Brasil, inclusive através da Associação que tem por fim específico fortalecer estas relações em base objetiva, os autores do livro, Sr. Hugo Schlesinger e Pe. Humberto Porto, oferecem-nos mais uma valiosa contribuição para a grande obra, de reconciliação e de paz, que todo judeu, todo cristão, todo homem de boa vontade, deveria tomar a peito, não como um luxo facultativo, mas como uma batalha para preparar ou abrir a batalha seguinte. Um livro deste porte representa portanto não uma tese acadêmica, mas um *engajamento* ético-político, no melhor sentido da expressão. Cabe a cada cidadão consciente dar a sua contribuição para a reaproximação das comunidades alheias. Cabe aos brasileiros dar um notável exemplo, cabe aos homens leais consigo mesmo abrirem os olhos da informação e do coração para melhor se inteirar da situação, evitar as inúmeras recaídas, transformar enfim o Destino cego em História humana, com toda isenção de ânimo — mais: com espírito fraterno. Cabe especialmente aos cristãos reparar as distorções, consertar as incompreensões do passado, cabe-lhes serem fermentos de civilização mais humana.

Haverá para Deus, hoje em dia, tarefa mais preciosa, mais bendita, no lento caminhar da Paz, do que essa

fraternização de *alcance escatológico*, isto é, definitivo, eterno, de seus dois Povos, ainda historicamente, parcialmente distintos? (o QUAL da Impreterível Aliança em Abraão e Moisés, e o POVO REUNIDO em nome de Jesus de Nazaré, o Galileu?)

Pela primeira vez um livro nacional, atualizado, apresenta uma articulação bastante completa das diversas facetas do anti-semitismo, fenômeno seguramente complexo. Este livro abre-se, com efeito, às várias ciências do homem, todas interessadas no assunto. Bastante objetivo, irônico, sem moralismo tagarela e acadêmico, ele honra seus autores (não constituiria, esse livro, a verdadeira obra-prima de sua colaboração?) e não há ninguém entre nós que não deva sair enriquecido, e, esperamos, melhorado, pela sua leitura.

**Frei H. Lepargneur, O. P.**

**HANS WALTER WOLFF — Antropologia do Antigo Testamento, trad. de Pe. Antônio Steffen, S.J., Edições Loyola, São Paulo, 1975, 336 pp.**

A *Antropologia do Antigo Testamento* é a obra principal de H. W. Wolff. "No meio do consumo massivo de instrumentos e remédios, de utopias e psicanálises, irrompe inesperadamente uma fome elementar de uma antropologia perdida: O que é o homem? O que é que ele conhece da sua natureza, do seu tempo e do seu lugar no mundo? Não terá acontecido que, no ponto culminante do seu saber, o seu próprio ser se lhe tenha tornado a coisa mais estranha?" Com a sua nova obra, Wolff nos apresenta a primeira olhada global e a primeira interpretação complexiva das afirmações antropológicas do Antigo Testamento. O seu "interesse se encontra delimitado pela questão de saber como é guiado o homem, no Antigo Testamento, ao conhecimento de si mesmo". H. W. Wolff consegue "apresentar os textos mais característicos, sem omitir nenhuma das suas afirmações essenciais. Desse modo surgiu um manual desbravador do

caminho que conduz aos documentos bíblicos, para qualquer um que se interessar pelo problema antropológico, mesmo sem conhecimentos especializados."

Nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial, igual que na atualidade, ardia no coração da geração jovem a pergunta: "O que é o homem?" Karl Barth lamentava-se então de que os trabalhos exegéticos disponíveis eram muito pequenos para a formação de uma antropologia bíblica. Alguns estudos exegéticos, aparentemente modestos, de von Galling, Zimmerli e Eichrodt abriram a série de monografias antropológicas de maior vulto.

Com a sua obra, Wolff não pretende criar uma "Antropologia bíblica sistemática", nem "deduzir das fontes o conjunto das possibilidades da problemática atual". Ele mostra antes que "as contribuições essenciais têm um caráter dialógico e que, apesar de todas as variações lingüísticas, do ponto de vista histórico-espiritual, a convergência dos testemunhos sobre o homem é surpreendente".

Wolff divide a sua obra em três partes. Na primeira — "O ser do homem" —, oferece uma lingüística antropológica. Como fundamento dessa parte há uma preocupação constante com as afirmações sobre a criação do homem.

A segunda parte — "O tempo do homem" — nos dá uma antropologia biográfica. Para isso, Wolff vai à procura de uma resposta sobretudo nos livros sapienciais e nas elegias e cantos de ação de graça do Saltério.

A terceira parte — "O mundo do homem" — apóia-se sobretudo em textos jurídicos e ditos proféticos. Trata-se aqui do "homem e a mulher", dos "pais e os filhos", dos "irmãos, amigos, inimigos", dos "senhores e os criados", dos "sábios e os néscios", do "indivíduo e a comunidade" e do "condicionamento do homem".

Este magnífico livro, escrito também com amor, poderá ser de grande utilidade no ensino da religião.

**G. Galache**

**INST. DIOCESANO DE ENSINO  
SUPERIOR DE WÜRZBURG —  
Teologia para o Cristão de Hoje,  
Vol. 1 — O Cristão no Mundo  
Atual, Ed. Loyola, S. Paulo,  
1975, 288 pp.**

Os bispos alemães, dando-se conta da necessidade e do desejo que muitos fiéis sentem hoje de uma formação teológica mais profunda e sólida, em meio aos desafios que o mundo moderno lança à fé e à vida cristã, solicitaram ao "Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg", a elaboração dessa obra. É sem dúvida, um empreendimento que não tem similar na Igreja de hoje.

A publicação da presente obra, empreendimento corajoso das EDIÇÕES LOYOLA, não é uma mera tradução, mas, como o leitor comprovará, os tradutores, professores da Faculdade Teológica do Colégio Cristo-Rei não envidaram esforços para dar-nos, juntamente com uma excelente versão, oportunas adaptações ao ambiente cultural brasileiro, assim como bibliografia complementar acessível.

Baseando-nos na lição introdutória do curso, passamos a dar um breve conspecto do mesmo. O curso prevê 2 etapas:

*1.ª etapa:* reflete sobre os temas fundamentais da Teologia, fornecendo uma visão global da fé, na sua unidade fundamental e na sua relevância para os homens de hoje. Este curso básico está dividido em 5 ciclos ou volumes, abordando os seguintes temas:

— *1.º ciclo:* O homem de todos os tempos pergunta: Que é o homem? — Que é o mundo?

— *2.º ciclo:* Deus lhe dá a resposta: a Salvação somente em Cristo!

— *3.º ciclo:* O diálogo entre Deus e o homem através da história: desde a Criação (Antigo Testamento) até a plenitude final em Cristo.

— *4.º ciclo:* O encontro entre Deus e o homem continua através da história na Igreja.

— *5.º ciclo:* A vida na Fé = a resposta do homem à ação Salvífica de Deus.

*2.ª etapa:* pretende preparar os adultos para a reflexão teológica pessoal, treiná-los por meio do estudo dirigido de alguns temas particularmente importantes para um trabalho de crítica teológica pessoal. Os temas são assim divididos, nos seguintes 5 ciclos:

— *1.º ciclo:* Teologia e Fé.

— *2.º ciclo:* O Problema de Deus.

— *3.º ciclo:* Salvação e Condenação.

— *4.º ciclo:* Igreja e Sacramentos.

— *5.º ciclo:* Realização da Vida Cristã.

O objetivo principal deste curso é esclarecer os adultos à luz da fé sobre os problemas fundamentais do homem e prepará-los mediante a vivência cristã, para testemunhar essa mesma fé.

Destina-se esta obra, verdadeiramente excepcional, a sacerdotes, religiosos, seminaristas, leigos e agentes pastorais, que desejando aprofundar mais os seus conhecimentos teológicos, queiram contribuir para a formação religiosa de seus irmãos.

Esta obra se recomenda principalmente pela excelente didática, pelo nível intelectual, acessível em geral aos que tiverem uma sólida base de curso secundário e finalmente pelo equilíbrio doutrinário que a caracteriza. Serve tanto para estudo individual, como para o estudo em grupos ou em cursos. A apresentação tipográfica excelente ajuda ao estudo.

A publicação dos 10 volumes será feita num prazo aproximado de 2 anos.